



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

UM NOVO ESPAÇO DE DIÁLOGO TEOLÓGICO¹

A new space of theological dialog

Carlos Ribeiro Caldas Filho²

Resenha de: REBLIN, Iuri Andréas. *O alienígena e o menino*. Jundiá: Paco Editorial, 2015. 262 p.

Iuri Andréas Reblin é um jovem teólogo luterano brasileiro, sem dúvida uma “promessa”, por assim dizer, não de renovação ou revitalização da teologia produzida pelos luteranos no Brasil (essas palavras dariam a impressão de estar a teologia feita pelos luteranos no Brasil em estado fossilizado ou decadente, o que não é verdade), mas com certeza de continuação de uma teologia de qualidade produzida a partir da Escola Superior de Teologia em São Leopoldo/RS. O livro é resultado de sua tese de doutorado, que ganhou em 2013 o Prêmio CAPES de melhor tese de teologia. O título é inovador, e tão inovador quanto é o foco de sua pesquisa: um diálogo da teologia com a cultura *pop*, de origem estadunidense, que, desde seu surgimento, no início do século passado, se tornou tão popular a ponto de se fazer presente de várias maneiras no senso comum e na linguagem do dia a dia de muitas sociedades e culturas, nos dois hemisférios. Sendo uma manifestação cultural quase ubíqua, é de se admirar que até o momento não houvesse nenhum trabalho acadêmico que se debruçasse sobre esse tema em viés teológico. Pelo menos não em português e não no Brasil, porque nos Estados Unidos, a terra natal desse tipo de arte sequencial, há rica e ampla bibliografia a respeito. Essa lacuna na produção teológica acadêmica brasileira é agora suprida pelo trabalho pioneiro de Iuri Andréas Reblin. A cultura *pop* é um mundo de vastidão, e o trabalho de Reblin faz recorte específico no gênero superaventuras de super-heróis em histórias em quadrinhos. Definindo ainda mais seu recorte, Reblin entabula diálogo da teologia com duas histórias de dois super-heróis muito conhecidos: o Superman e o Capitão Marvel, que são respectivamente “o alienígena e o menino” do título do livro.

¹ O artigo foi recebido em 10 de agosto de 2015 e aprovado em 03 de junho de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, São Paulo/SP, Brasil), bolsista PNPd-CAPES pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte/MG, Brasil), desenvolvendo pesquisa na área de teologia e literatura. Contato: crcaldas2009@hotmail.com

Nesse sentido, seu texto, metodologicamente falando, está bem feito, com delimitações temáticas nitidamente estabelecidas.

A obra é dividida em três capítulos, cada qual com suas subdivisões, antecedidos por introdução e seguidos de conclusão. O primeiro, *Superaventura: controvérsias do estudo de um gênero* (p. 23-77), introduz o tema aos leitores, apresentando duas histórias que seguem em paralelo: a história da origem das histórias de heróis – e super-heróis – em quadrinhos e a história do desprezo acadêmico em relação a essa manifestação artístico-cultural. Reblin recorre a *Apocalípticos e integrados*, de Umberto Eco, obra que trata exatamente das abordagens de desprestigiar e atacar a “cultura de massa” (as histórias em quadrinhos de heróis e super-heróis são um exemplo do que Eco chama de “cultura de massa”, a abordagem dos “apocalípticos”, e a de aceitação dessa expressão cultural (a abordagem dos “integrados”). Reblin narra que quando surgiram as narrativas dos heróis e super-heróis, essas foram violentamente atacadas por Fredric Wertham (1895-1981), psiquiatra norte-americano de origem alemã, que com seu livro *Seduction of the Innocent* (“A sedução do inocente”), de 1954, lançou uma campanha contra o que entendia serem males na formação de crianças e adolescentes, que supostamente seriam veiculados pelas histórias em quadrinhos, de super-heróis ou não. A cruzada de Wertham foi influente a ponto do Congresso dos Estados Unidos criar o *Comics Code Authority* (“Código de autoridade dos quadrinhos”), um expediente legal de censura do conteúdo dos quadrinhos (p. 23-62). Na sequência, Reblin apresenta o *status questionis* atual do estudo do gênero das superaventuras (p. 62-77). Nas palavras de Reblin:

Em suma, as histórias em quadrinhos em geral, e as narrativas dos super-heróis em especial, estão se consolidando como um objeto de estudo importante para a construção de conhecimento e para a própria compreensão da vida em sociedade nas mais diferentes áreas das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas (p. 77).

E como será demonstrado pelo autor, também da teologia.

O segundo capítulo, *Superaventura: da narrativa ao gênero* (p. 79-179), apresenta, tal como sugerido em seu enunciado, um estudo propriamente da narrativa da superaventura, seu significado e seu lugar na sociedade. Para tanto, Reblin vai se apoiar no educador espanhol Jorge Larrosa, no antropólogo norte-americano de origem holandesa Clifford Geertz, e mais ainda, no teólogo mineiro Rubem Alves (p. 85-109). Reblin defende que as superaventuras são “mitos contemporâneos” (p. 112). Adiante Reblin explicará com detalhes sua compreensão da superaventura como uma “mitologia contemporânea” (p. 154-179). Reblin cita o estudioso estadunidense Danny Fingeroth (em *Disguised as Clark Kent: Jews, Comics and the Creation of the Superhero*. New York; London: Continuum, 2007), que “sugere que as narrativas dos super-heróis sejam versões secularizadas dos mitos religiosos da função desempenhada por eles” (p. 168).

Finalmente o terceiro capítulo, *Superaventura: um gênero sob o olhar da Teologia* (p. 181-231), vai apresentar o diálogo propriamente da narrativa literária das superaventuras com a teologia cristã. Reblin, tal como já mencionado, posto que *en*

passant escolhe duas histórias de dois super-heróis, ambos poderosos, virtualmente invulneráveis e invencíveis: o Superman e o Capitão Marvel, ambos da gigantesca DC Comics (competidora da não menos grandiosa Marvel Comics). As histórias em questão são *Superman: Paz na Terra* e *Shazam: o poder da esperança*. Essas histórias são parte de um projeto interessante por demais dos artistas Alex Ross e Paul Dini (Ross, Alex, Dini, Paul. *Os maiores super-heróis do mundo*. São Paulo: Panini Books, 2007). Com uma estética fotorrealista, um formato diferenciado (bem maior que os “gibis” tradicionais) e, o mais importante, uma inovação absoluta nas temáticas apresentadas: desta feita, a luta dos super-heróis não é contra supervilões que querem dominar ou destruir o mundo, nem contra organizações criminosas ou terroristas ou algo do gênero. Antes, a luta é contra a fome no mundo (*Paz na terra*) e doenças graves, talvez incuráveis, de crianças (*O poder da esperança*). Nesse sentido, Ross e Dini inovaram por completo as narrativas das superaventuras, por humanizarem os super-heróis e por mostrarem, de certa forma, o fracasso deles. Pois alguns problemas não serão resolvidos nem por indivíduos dotados de superpoderes. Reblin entende que essas histórias apresentam elementos do que denomina “teologia do cotidiano”. Essa expressão foi criada a partir da leitura que Reblin faz de Rubem Alves, que, aliás, foi o tema da sua (de Reblin) dissertação de mestrado em teologia. Reblin defende que *Superman: Paz na Terra* é uma releitura da parábola do semeador (p. 196-215) e que *Shazam: o poder da esperança* apresenta o Capitão Marvel assumindo o mesmo papel de Jesus que se fez rodear de crianças. Reblin foi de fato judicioso ao perceber temas teológicos nas histórias que escolheu como objetos de estudo. Mas poderia ter aprofundado um pouco mais o diálogo com a tradição dos estudos bíblicos – afinal, nos dois casos o diálogo com a teologia é feito a partir de relatos dos evangelhos sinóticos. Nos dois primeiros capítulos, Reblin explicou com profundidade e riqueza de detalhamento seu objeto de estudo, estabeleceu com clareza as bases teóricas que utilizou e delimitou sistematicamente seu tema. O diálogo com a teologia propriamente é interessantíssimo, mas deixou na boca do leitor um “gosto de quero mais”. Por exemplo, ao analisar *Superman: paz na terra*, Reblin levanta a questão ética e teológica da partilha. A partir da história, cujo mote é o Superman convencendo o Congresso dos Estados Unidos a doar o excedente de sua produção agrícola a populações pobres famintas ao redor do planeta, Reblin dialoga com a tradição da teologia da libertação latino-americana. Esse diálogo poderia ter sido mais extenso. Reblin traça crítica ao fato da história apresentar de maneira acrítica a doação do excedente da produção agrícola. Mas essa leitura pelo viés da teologia poderia problematizar a questão a partir de um tratamento de textos como o da “Lei da Rebusca”, citada no Levítico (19.9-10; 23.22) e no Deuteronômio (24.19-22; cf. Rt 2.1-7) e os textos na correspondência coríntia de Paulo a respeito da oferta dos cristãos da Macedônia aos cristãos da Judeia afetados por uma grave seca (1Co 16.1-4; 2Co 9; cf. Rm 15.22-27). Seguindo ainda outros textos neotestamentário (p. ex. 2Co 12.9), seria interessante uma análise teológica e pastoral dos temas do fracasso e da impotência, visto que ambas as histórias que servem de base para a pesquisa apresentam seres superpoderosos, mas que não conseguem resolver todos os problemas do mundo. Em suma: a pesquisa pioneira de Reblin abre portas para futuras pesquisas.

Mas não há dúvida de que o livro é uma contribuição de alto nível para diálogos acadêmicos entre a teologia e manifestações da chamada cultura *pop*. Desta maneira, *O alienígena e o menino* é uma expressão, em sentido lato, de uma teologia pública, visto tratar de um tema inegavelmente presente nas estruturas culturais e simbólicas da sociedade. O livro revela pesquisa séria, muito bem conduzida e muito bem lastreada teoricamente – disso a rica bibliografia consultada por Reblin e devidamente referenciada é prova incontestada. O autor escreve bem, e consegue prender a atenção do leitor. Parafraçando uma das mais famosas citações da cultura *nerd*, Reblin “audaciosamente foi aonde nenhum teólogo jamais esteve”.